

Fonoaudiologia: inserção em instituições educacionais de Salvador*

Ingrid B. A. Fonteles**

Silvia Friedman***

Nadir Hagiara-Cervellini****

Resumo

Objetivo: investigar razões que sustentam o exercício das práticas fonoaudiológicas educacionais no âmbito escolar, no município de Salvador. **Método:** realizaram-se entrevistas dirigidas com 2 fonoaudiólogos e 2 coordenadores de escola, que foram transcritas em ortografia regular. O discurso foi analisado por meio de categorização, com base na técnica de análise de conteúdo. **Resultados:** As categorias, definidas “a priori” pelas perguntas do entrevistador forma quatro: Como Chega à Escola; Trabalho Desenvolvido; Relação com o Fonoaudiólogo e/ou Fonoaudiologia; e Condição para Inserção. Estas permitiram perceber que 1- é preciso redimensionar o papel do fonoaudiólogo nas escolas de Salvador, tanto para os gestores como para os próprios fonoaudiólogos; 2- as ações realizadas nas escolas estão centradas, principalmente, em torno das alterações de fala e são caracterizadas pela consultoria fonoaudiológica; 3- Fonoaudiologia e Educação na capital baiana, ainda não se descobriram nas ações de baixa complexidade em saúde. **Conclusão:** ainda não há demanda para prevenção nem para promoção da saúde por parte da escola em Salvador. Cabe aos fonoaudiólogos re-significar seu papel perante a realidade educacional, a fim de buscar inserção no espaço escolar, de modo a contribuir, junto com a escola, para a saúde em linguagem e comunicação.

Palavras-chave: fonoaudiologia; educação; escola.

Abstract

Aim: to investigate reasons that sustain the educational Speech-Language and Hearing Sciences practices in the regular scholar field, in the city of Salvador (Bahia). **Method:** Directed interviews with 2 phonoaudiologists and 2 school coordinators were recorded and transcribed in regular orthography. The discourse was analyzed through categorization technique. **Results:** Four categories resulting from the interview's questions were defined: How getting to School; Developed Work; Relationship with the Phonoaudiologist and/or Phonoaudiology; and Condition to Insertion. These categories showed that: 1- it is necessary to remold the Phonoaudiologist roll in Salvador's schools to the supervisors as well as to the Phonoaudiologists; 2- The activities accomplished at the schools are mainly centered at speech disorders and are characterized mainly by Speech-Language and Hearing Sciences consultancy; 3- Speech-Language and Hearing Sciences and Education had not discovered each other in health area actions at Salvador. **Conclusion:** There is no demand neither for prevention nor for health promotion in schools at Salvador. The Speech-Language and Hearing therapists have the responsibility to give a

* Esse artigo foi elaborado a partir da dissertação de mestrado, vinculada à PUC-SP e foi apresentado em forma de tema livre no XVI Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia em Campos de Jordão- SP, 2008. ** Mestre em Fonoaudiologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). *** Doutora em Psicologia Social; Professora Titular do Departamento de Clínica Fonoaudiológica e do Programa de Estudos Pós-graduados em Fonoaudiologia da PUC-SP. **** Doutora em Psicologia Clínica; Professora Associada do Departamento de Fundamentos da Fonoaudiologia da PUC-SP.

new signification to their roll according to educational reality, in order to find ways for their insertion in educational field, and in order to contribute there, together with the school, with language and communication health.

Keywords: *Speech-Language and Hearing Sciences; Education; School.*

Resumen

Objetivo: *investigar razones que mantienen el ejercicio de prácticas educacionales en la escuela, en la ciudad de Salvador (Bahia).* **Metodo:** *se han realizado entrevistas dirigidas con 2 fonoaudiólogos e 2 coordinadores de escuela. Estas fueron transcritas en ortografía regular y el discurso se analizó por medio de la categorización, basada en la técnica de análisis de contenido.* **Resultados:** *Las categorías, definidas “a priori” por las preguntas del entrevistador fueron cuatro: Como Llega a la Escuela; Trabajo desarrollado; Relacion con el Fonoaudiólogo y/o Fonoaudiología; Condiciones para la Inserción. Estas permitieron percibir que: 1- es necesario redimensionar el papel del fonoaudiólogo en las escuelas de Salvador, sea para los gestores sea para los próprios fonoaudiólogos; 2- las acciones aplicadas en las escuelas se centran principalmente en torno a los transtornos del habla y se caracterizan por la intervención de consultoría fonoaudiológica; 3- Fonoaudiología y Educación, en Salvador, no se han descubierto mutuamente en acciones direccionadas a la salud.* **Conclusion:** *no hay todavía demanda ni para prevención, ni para promoción de salud en las escuelas en Salvador. Los fonoaudiólogos necesitan dar un nuevo significado a su papel frente a la realidad educacional, de tal forma que encuentre formas de incluirse en la escuela y de contribuir con ella para la salud en language y comunicación.*

Palabras claves: *Fonoaudiología, Educación, Escuela.*

Introdução

A relação com instituições educacionais em Salvador, para uma das autoras deste artigo, teve início durante as costumeiras visitas realizadas para coletar dados de pacientes atendidos na clínica. A receptividade nessas instituições sempre foi muito boa e desdobrou-se em trabalhos de consultoria escolar que promoveram uma conscientização dos profissionais a respeito do campo de trabalho do fonoaudiólogo, marcando para eles a diferença entre o trabalho clínico e o escolar. Desdobrou-se também, em vários programas de saúde vocal na rede estadual de ensino e em escolas municipais e particulares nas quais os professores trabalhavam. Isso construiu um caminho direcionado à consultoria fonoaudiológica em escolas.

Não foram encontrados dados oficiais sobre a presença do fonoaudiólogo no ambiente escolar da capital baiana, seja na rede municipal de ensino ou na rede particular. Nos registros da Associação Pro-

fissional dos Fonoaudiólogos do Estado da Bahia – APROFEB, nenhum profissional cadastrou-se em Fonoaudiologia Educacional ou Escolar¹, no espaço reservado aos registros de campo ou área de atuação.

Sobre a importância da presença do fonoaudiólogo no ambiente escolar, Grangeiro-Santos (2006) destaca que a atuação fonoaudiológica escolar é fundamental para potencializar o processo de ensino-aprendizagem. Calheta (2005) destaca que o trabalho em instituições de educação infantil e ensino fundamental permite estabelecer uma relação qualitativamente rica entre o fonoaudiólogo e os educadores (professores, auxiliares do desenvolvimento infantil, coordenadores, diretores e funcionários em geral), de forma a possibilitar reflexões sobre o letramento infantil, alfabetização, estratégias de construção de sentidos e usos significativos para linguagem oral e escrita.

Compreende-se que atualmente as práticas fonoaudiológicas educacionais objetivam princi-

¹ Os termos Fonoaudiologia Educacional e Fonoaudiologia Escolar são amplamente usados no campo da Fonoaudiologia. Neste texto, emprega-se o termo “educacional” para destacar o caráter educativo no saber fonoaudiológico.

palmente promover a saúde da comunidade escolar e podem ser executadas especialmente através da assessoria fonoaudiológica educacional. Calheta (2005) define assessoria fonoaudiológica educacional como proposta de ações em promoção da saúde para possibilitar o estabelecimento de relações discursivas qualitativas entre educadores e o fonoaudiólogo.

Valorizando a importância do fonoaudiólogo participar do trabalho desenvolvido na escola, atualmente, os quatro cursos de Graduação em Fonoaudiologia de Salvador oferecem a disciplina de Fonoaudiologia Educacional, que foi ministrada pela primeira vez em 2001. Mesmo assim, ainda é pequeno o número de profissionais capacitados a atuar em escolas, pois somente a partir de 2003 surgiram os primeiros fonoaudiólogos graduados por instituições de Salvador. Desde então, esses profissionais deparam-se com um campo de trabalho crescente em todas as áreas de atuação fonoaudiológica, o que lhes permite diversificar a escolha pelo campo de atuação. Como o Estado da Bahia tem um Pólo Petroquímico, localizado na região metropolitana de Salvador, muitos profissionais são atraídos para a área de audiologia, devido à abundante demanda de trabalho que o Pólo traz nesse campo. Mas, a existência da disciplina Fonoaudiologia Educacional nos cursos de graduação sugere que o cenário pode mudar.

Nesse contexto, surge o objetivo desta pesquisa que foi dar início à discussão de razões que sustentam o exercício das práticas fonoaudiológicas educacionais no âmbito escolar regular, no município de Salvador, através de estudo exploratório.

Material e método

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do CEPE/PUC-SP sob o número do protocolo 0017/2006. Trata-se de pesquisa de natureza descritiva e exploratória, para a qual se utilizou a entrevista dirigida como procedimento para levantar os dados. Foram entrevistados, individualmente, quatro profissionais, dois da área fonoaudiológica e dois da área educacional, que exercem atividades na cidade de Salvador-Bahia (BA). O pequeno número de sujeitos justifica-se pela dificuldade que se encontrou em localizar fonoaudiólogos que tivessem atuado em assessoria ou consultoria junto a instituições educacionais em Salvador, bem como educadores que tivessem

desenvolvido trabalho com fonoaudiólogos em suas instituições de ensino. Entende-se que dentro de sua singularidade, os depoimentos trazem também alguns indícios do contexto sociocultural mais amplo ao qual pertencem e que interessa a esta pesquisa.

Os fonoaudiólogos entrevistados, além de atuarem no âmbito da clínica fonoaudiológica, desenvolvem trabalhos em instituições educacionais. Os coordenadores entrevistados desenvolvem trabalhos com fonoaudiólogos em suas respectivas instituições de ensino. Para referir os entrevistados usamos os números 1 e 2 para os fonoaudiólogos e 3 e 4 para os coordenadores.

A entrevista constitui-se de um conjunto de perguntas para os fonoaudiólogos e outro para os coordenadores, sendo que as duas últimas perguntas foram iguais para ambos.

As perguntas para os fonoaudiólogos foram:

- Como tem sido sua vivência com a Fonoaudiologia Educacional aqui em Salvador?
- Como foi o acolhimento que você recebeu nas instituições?
- Como foi o início do vínculo com a instituição?
- Como foi desenvolvido o trabalho?
- Qual foi seu sentimento diante dessa atuação?
- Fale sobre o que você entende a respeito do papel do fonoaudiólogo educacional?
- O que você acha da divulgação desta área de atuação em Salvador?
- Como você vê a possibilidade dessa atuação em Salvador?
- O que, em sua opinião, contribui ou atrapalha para a inserção do fonoaudiólogo no âmbito escolar em Salvador?

As perguntas para os coordenadores foram:

- O que você conhece sobre a profissão do fonoaudiólogo?
- Como você compreende a atuação do fonoaudiólogo na escola?
- Como você vê a inserção da Fonoaudiologia na escola?
- Como você vê o vínculo entre a Fonoaudiologia e a Educação?
- Qual é a relevância da presença de fonoaudiólogo em instituições de ensino?
- O que você acha da possibilidade dessa atuação em Salvador?
- Porque há carência de fonoaudiólogos atuando nas escolas de Salvador?

– O que, em sua opinião, contribui ou atrapalha para a inserção do fonoaudiólogo no âmbito escolar em Salvador?

Seguindo a técnica de análise de conteúdo, as entrevistas, depois de gravadas e transcritas em ortografia regular, tiveram seu conteúdo organizado em temáticas que decorreram das perguntas feitas pelo entrevistador. As temáticas foram consideradas como categorias do discurso e guiaram a análise, bem como a apresentação e a discussão dos dados. Essas categorias foram:

- **Como chega à escola**– refere-se às formas pelas quais o fonoaudiólogo chega para trabalhar numa escola;
- **Trabalho desenvolvido**– refere-se ao tipo de trabalho que o fonoaudiólogo faz na escola;

– **Relação com o fonoaudiólogo e/ou com a fonoaudiologia**– refere-se ao tipo ou qualidade das relações que se estabelecem entre escola e fonoaudiólogo ou Fonoaudiologia;

– **Condições para inserção**– refere-se aos aspectos considerados necessários para que o fonoaudiólogo possa ser parte da equipe de uma escola.

As quatro categorias elencadas estavam presentes no discurso das fonoaudiólogas e as três últimas, no discurso das coordenadoras. A partir dessas categorias, organizou-se a transcrição das entrevistas em quadros analíticos para ter maior visibilidade dos conteúdos, sem perder a totalidade do discurso e, desse modo, nortear a análise, conforme exemplificado no quadro abaixo.

COMO CHEGA À ESCOLA	TRABALHO DESENVOLVIDO	RELAÇÃO COM O FONOAUDIÓLOGO E/OU FONOAUDIOLOGIA	CONDIÇÃO PARA INSERÇÃO
P-1 Como tem sido a sua vivência com a Fonoaudiologia Educacional aqui em Salvador? E1 – 2 Bem, a minha vivência na Fonoaudiologia Educacional tem sido através de 1- contatos com profissionais. E também eu tenho chegado até essas escolas por 2 – meio do atendimento clínico mesmo.	E1 - 3 e o meu trabalho maior, é promover 1-palestras, cursos pra esses professores.	P– 4 E como foi o seu acolhimento nessas instituições? E1– 5 Olha, sempre foi e tem sido muito bom...	

Resultados

A análise dos dados da categoria *como chega à escola* revelou que a entrada dos fonoaudiólogos entrevistados no ambiente escolar esteve inteiramente vinculada à atuação fonoaudiológica clínica, com o objetivo de otimizar o processo terapêutico, e relacionada a um profissional facilitador que a propicie.

“(...) atendi muitas crianças com atraso de linguagem. Então, meus primeiros contatos com a escola foram justamente às visitas (...). Ao invés de ir logo para escola, eu tentei, então, vir de fora para escola aos poucos (...). Para alguém lhe procurar, inicialmente, alguém tem que ter dito que viu você fazer algo que era importante. Então, sempre precisa de alguém que seja facilitador (...)”. (E2)

A categoria *trabalho desenvolvido*, que gerou a maior parte do discurso dos entrevistados, mostrou que o trabalho que se realizou nas escolas caracterizou-se por palestras informativas sobre o desenvolvimento normal de linguagem oral e seus distúrbios, dirigido a um público-alvo de pais e professores.

“(...) O meu trabalho maior é promover palestras, cursos pra esses professores. (...) e hoje eu (...) faço mais trabalhos, assim mais pra (...), esclarecer dúvidas a respeito da Fonoaudiologia”. (E1)

“(...) hoje eu faço algumas palestras a convite das escolas, ministro cursos. É mais a parte de consultoria mesmo.” (E2)

“(...) há pouco tempo nós tivemos uma palestra na escola com fono (...), antes a gente fazia mais palestras com psicólogos, até com outros profissionais, com pediatras, com nutricionista. Hoje se inclui a fono nessas palestras ...”. (E3)

“(...) Agora mesmo em agosto, nós vamos ter um seminário das escolas Montessorianas da Bahia que é aberto também aos pais e nós convidamos uma psicóloga e uma fonoaudióloga para dar palestras e participar das discussões. (...) como uma forma de estar ajudando a informar os pais (...)”. (E4)

Mostrou, também, que o fonoaudiólogo foi encarado como profissional especializado em tratar problemas de comunicação, a quem se encaminham crianças que os manifestem.

“(...) ele [o fonoaudiólogo] pode já diagnosticar precocemente e fazer (outros) encaminhamentos (...)”. (E1)

“Sei que preciso fazer o encaminhamento e inclusive dizer (...) qual o trâmite até ela conseguir chegar naquele local (...). E a gente faz esse encaminhamento por escrito”. (E2)

“(...) por exemplo, uma criança com quatro anos que ainda tem muita dificuldade em se expressar (...) ou omite ou troca (...). E a partir daí é uma ação do profissional especialista nisso que é fono, (...) então a gente recorre e faz uma indicação”. (E3)

“Então, eu vejo assim que o fono, ele vem ajudar a gente (...), na instituição dessa forma, quando há alguma dificuldade, (...) a gente (...) encaminha (...)”. (E4)

Mostrou, ainda, que a idéia de prevenção aparece no discurso de duas entrevistadas, tanto numa perspectiva ampla, como numa perspectiva restrita à motricidade orofacial.

“(...) o fonoaudiólogo vai trabalhar todas essas questões (...). Não que ele vá trabalhar clinicamente, na escola, ele não vai fazer isso, mas ele pode prevenir alterações (...) trabalhando isso, orientando, prevenindo antes que as alterações apareçam”. (E1)

“(...) como nós fazemos (...) reuniões, a gente traz profissionais, a gente traz psicólogos, né?, que trabalham com a questão emocional da criança, a questão do fono pra trabalhar o processo da fala, porque às vezes a criança chupa bico ou usa a mamadeira. Então, às vezes, interfere e a criança fica com uma dificuldade (...)”. (E4)

Na categoria *trabalho desenvolvido*, ainda, a observação comportamental é referida pelas entrevistadas 2 e 4 como procedimento utilizado na escola, junto às crianças com necessidades educativas especiais.

“Não era proposta inicial a gente fazer as observações (...) quando o professor traz para gente uma demanda gritante (...) de imediato a gente agenda observação (...) para depois, sentar com esse professor, especificamente, e fazer as orientações”. (E2)

“Então, como o fono vem até a escola, é interessante que ele faça esse trabalho (...), observação da criança, não só dela em sala, mas no meio social da escola, como também a atuação do professor pra que o fono esteja ajudando o professor na dificuldade dessa criança”. (E4)

Nessa categoria ainda, a entrevistada 2 referiu as atividades de assessoria fonoaudiológica, quando narrou estratégias adotadas para a educação inclusiva e delineou seu fazer de acordo com a demanda ocorrida nos encontros com a equipe escolar.

“Então, as estratégias na verdade, inicialmente, têm sido muito mais em grupo. (...) tentando abarcar um maior número de professores, participando das atividades curriculares, que eles fazem às sextas-feiras na maior parte das escolas, (...) é o momento em que os alunos são liberados e os professores usam para estudar, para fazer planejamento, para ... discutir... fazer supervisão com o coordenador... A gente intervém nesse momento então.”

A entrevistada 2 referiu-se também à realização de campanhas de promoção de saúde comunicativa durante o trabalho de assessoria fonoaudiológica, mostrando indícios de que o cenário fonoaudiológico educacional em Salvador pode mudar seu foco do contexto clínico e preventivo para o da promoção da saúde.

“(...) fazer junto com os professores as campanhas de saúde auditiva, de saúde vocal, de desenvolvimento de linguagem mesmo e de outros temas... [em relação ao trabalho com os escolares]”.

Ainda na categoria *trabalho desenvolvido*, a entrevistada 1 valorizou o trabalho com linguagem na escola, como caminho para que os profissionais possam compreender que a atuação do fonoaudiólogo vai além do contexto clínico.

“(...) quando eu estou na escola, (...) também, me preocupo em puxar muito para essa área de linguagem,... para que elas [professoras] possam realmente perceber que o fonoaudiólogo vai mais além ...”

Na categoria *relação com o fonoaudiólogo e/ou com a fonoaudiologia*, as fonoaudiólogas entrevistadas mencionam que há desconhecimento em relação ao papel do fonoaudiólogo educacional nas escolas em que atuam.

“Existe uma carência, né? Às vezes, uma falta de conhecimento da própria escola, (...)”. (E1)

“(...) que eu vou fazer com a turminha de ‘pré’ que grita muito e tem um bocado de criança rouca e a professora também grita, então vamos promover uma campanha de saúde vocal ou algo do tipo. Não existe isso. Ainda que você devolva para eles [professores], eles vão ver como algo... que não faz parte da realidade deles ainda”. (E2)

Os discursos das entrevistadas 3 e 4 apontam para uma relação de apoio eminentemente clínico entre o fonoaudiólogo e as escolas em que atuam, para auxiliar o trabalho do professor nas dificuldades que encontram em relação à comunicação da criança.

“(...) o fonoaudiólogo é um especialista que... apóia... o trabalho pedagógico no sentido da... aquisição da linguagem oral”. (E3)

“Eu vejo que o fonoaudiólogo (...) ajuda, (...) faz todo um trabalho no desenvolvimento da fala, seja com alguma dificuldade como embolar a língua ou palavras é... inversão de letras.”. (E4)

O discurso, principalmente das gestoras de escolas, mostra que vêem o lugar do fonoaudiólogo como sendo fora do ambiente escolar.

“(...) O que as escolas têm percebido da (...) atuação do fono é que... o fonoaudiólogo ia pra escola buscar doença”. (E2)

“(...) ele não tem uma cadeira cativa dentro da escola, mas ele é alguém que está fora, eh... mas nos dá esse apoio na medida que a gente necessita (...)”. (E3)

“Porque assim, uma área vai depender da outra, mas uma não pode fazer a função da outra, cada qual no seu cada qual”. (E4)

Na categoria *condições para inserção*, a divulgação do trabalho fonoaudiológico educacional foi referido pelos entrevistados como condição para sua inserção nas escolas.

“Bem, eh...aqui em Salvador, a Fonoaudiologia ainda é muito nova, muito recente, né? Quanto ao fonoaudiólogo educacional, eh... eu acho que ainda é pouco divulgado, as pessoas conhecem muito pouco, eh... talvez, ... acredito eu, que poucos, ... profissionais, estudantes se interessam por essa área (...)”. (E1)

“De uma forma controversa [sobre a divulgação da fonoaudiologia educacional]. De uma forma que prejudicou na verdade a nossa entrada”. (E2)

Nessa categoria, ainda, a atualização de conhecimentos adquiridos na vida acadêmica; a superação da visão do fonoaudiólogo exclusivamente como um clínico; o interesse do fonoaudiólogo pela área de educação e a existência de oportunidades, são citados pelos entrevistados como fatores importantes relacionados à entrada do fonoaudiólogo em instituições educacionais.

“Cabe muito a nós, fonoaudiólogos, eh... nos apropriarmos mais desse trabalho escolar. (...) E aí é importante que ele [fonoaudiólogo] esteja se atualizando nessa área, então, lendo, estudando, fazendo curso, fazendo parte de grupo de estudo, então isso contribui para ele estar lá”. (E1)

“Ele [o fonoaudiólogo] precisa saber qual é o papel que ele vai desempenhar na escola. Então, é o papel clínico? Então, clínica não se desempenha numa escola, é o papel educacional. Então, eh... se ele vai clinicamente, ele fecha caminhos para um futuro fonoaudiólogo que vai agir de uma forma educacional naquela escola”. (E1)

“(...) O que contribui, eh... em primeiro lugar é o profissional, ele ter interesse por essa área, né? (...)”. (E1)

“Eu acho que as oportunidades (...) vão aparecendo (...) no momento em que você tem essa possibilidade de ter contato com uma pessoa aqui, uma outra ali (...)”. (E2)

A triagem fonoaudiológica também foi mencionada como um fator de inserção do fonoaudiólogo na escola, na dimensão de sua atuação como clínico e atrelada a algo como um chamariz comercial: o fonoaudiólogo ganha e a escola também ganha.

“(...) Aconteceu também de escolas aqui em Salvador muito grandes até há pouquíssimo tempo atrás, diria até dois ou três anos atrás, contratarem o fonoaudiólogo e oferecerem esse serviço como um “algo mais” assim da escola. Era o que diferenciava a escola: a triagem fonoaudiológica. E... isso (...), o fonoaudiólogo recebia por cabeça e a escola cobrava dos pais também pela criança, essa triagem fonoaudiológica. E isso foi feito até muito recentemente(...)”. (E2)

A entrevistada 2 elencou vários aspectos ligados à inserção do fonoaudiólogo na escola, tais como: o perfil de atuação do profissional; a baixa remuneração do trabalho do fonoaudiólogo; bem como abertura da escola a profissionais de outras áreas.

“Então, eu acho que também depende muito de perfil de atuação. (...) Na verdade muitas portas se fecharam em função da maneira como alguns profissionais chegaram à escola (...)”.

“(...) Acho que a questão financeira, se a gente pegar aquela tabela do sindicato de Fortaleza, dificulta, por você realmente... não ter algo como norma, ou por você também pegar algo que é a norma, e saber que é um valor infinitamente insignificante perto do trabalho que você vai está fazendo(...)”.

“Eu acho que agora em função de há algum tempo existem outros profissionais que... têm ido às escolas... permanecendo numa posição diferente(...). (...) Eu acho que as escolas têm se aberto mais”.

Discussão

Na categoria *como chega à escola* o discurso das entrevistadas corrobora a idéia de Scavazza (1987) de que, voltando-se para a doença, o fonoaudiólogo podia encontrar terreno fértil para sua atuação dentro da escola, tendo assim, sua presença plenamente justificada, inclusive em termos econômicos.

Na categoria *trabalho desenvolvido*, como nossas entrevistadas, também Coimbra et al (1991) mencionaram que palestras e estratégias semelhantes operacionalizaram suas intervenções fonoaudiológicas em escolas, no sentido de orientar e divulgar assuntos pertinentes à área para pais e educadores.

Em relação a encaminhamentos, o discurso de nossas entrevistadas concordou com o dito por Siqueira e Monteiro (2005a) que fizeram referências ao encaminhamento de crianças com características atípicas de fala e escrita a fonoaudiólogos. Os autores argumentaram que isso se dá para solucionar problemas que a escola não pôde resolver, ocorrendo, assim, uma transferência do problema da escola para a clínica. Siqueira e Monteiro (2005b) argumentaram também que, além do encaminhamento ser realizado com o objetivo de identificar problemas, é um meio pelo qual os professores podem receber informações do fonoaudiólogo sobre a forma de agir com os alunos nessas situações problema.

Sobre o trabalho preventivo na escola, a fala de duas entrevistadas, esteve de acordo com Scavazza (1987) que, em sua pesquisa, relatou que alguns fonoaudiólogos, ao mesmo tempo em que assumiam o caminho da remediação, também assumiam o caminho da atuação preventiva. Souza (2002) mencionou a importância da prevenção dos distúrbios de aprendizagem no início da vida escolar, por ser uma fase relevante para o desenvolvimento da linguagem. Bitar e Simões (1999) indicaram que o fonoaudiólogo deve atuar em parceria com creches, a fim de desenvolver ações eficazes em prol da prevenção e promoção dos aspectos comunicativos. Penteado (2000) argumentou que o olhar estrito para a patologia, ainda que

seja visando à prevenção, reduz as possibilidades de ação no sentido ampliado da saúde e qualidade de vida da população.

Ainda na categoria *trabalho desenvolvido*, a observação comportamental referida pelas entrevistadas, vai ao encontro do que afirmou Grangeiro-Santos (2006) quando indicou que a Fonoaudiologia Educacional tem muito a colaborar para que a legislação educacional seja posta em prática e nessa contribuição, destacou o valor da observação e do acompanhamento de crianças com necessidades educacionais especiais.

O modo como uma entrevistada se referiu à estratégia grupal de realizar a assessoria fonoaudiológica vai na direção do proposto por Barcellos e Freire (2005) que entendem a assessoria em escolas como momentos de questionamento entre equipe educacional e fonoaudiólogo em torno de dúvidas que surgem. A esse respeito, Calheta (2005) declara que a assessoria não deve vincular-se à cristalização de papéis, seja do fonoaudiólogo, seja dos educadores, a partir da transmissão de conhecimentos na direção fonoaudiólogo-educador. Deve sim, ser marcada pela promoção de encontros reflexivos que permitam a constituição de um dizer único inserido na proposta de assessoria. Entretanto, Ramos e Alves (2008) explicitam que apesar da assessoria representar uma ação importante na escola, esta, na maioria das vezes, não está disposta a investir nessa área, por compreender de forma equivocada tal atuação, negando o investimento, alegando carência de recursos financeiros.

A idéia de promoção de saúde inserida no trabalho de assessoria fonoaudiológica foi referida por um de nossos entrevistados. A esse respeito, Calheta (2005) caracteriza a assessoria fonoaudiológica escolar pela proposta de ações em promoção da saúde, por meio do estabelecimento de relações discursivas entre educadores e fonoaudiólogos. Também Silva e Calheta (2005) vêem que o trabalho em assessoria dá possibilidade ao trabalho conjunto entre fonoaudiólogos e educadores, visando à promoção da saúde. Barcellos e Goulart (2005), ainda, afirmam que a interdisciplinaridade entre educação e saúde, além da relação entre fonoaudiólogos, pais e educadores, é importante para a atuação na promoção da saúde no âmbito escolar.

O modo discreto pelo qual uma mudança em direção à promoção da saúde aparece no discurso de nossos entrevistados, foi destacado por Penteado (2000) que salienta o fato de nem todos os profissio-

nais adotam a postura de valorizar a atenção básica em promoção de saúde. Entende-se que isso se dá porque tal postura exige dos profissionais atuantes uma transformação em suas concepções, o que pode levar algum tempo para acontecer. A propósito, Penteado (2002) refere que para que possa haver essa transformação na escola, os fonoaudiólogos devem incorporar estratégias diferenciadas que incluem o diálogo e a reflexão sobre as condições de saúde da população, para que possam analisar como modificar sua realidade. Penteado e Servilha (2004) referem que saúde e qualidade de vida são os focos da promoção da saúde. Penteado (2007) ressalta a necessidade de rever as ações na escola, para ampliar seus objetivos e contextualizá-las, a fim de que a qualidade de vida dos professores também seja abordada.

Continuando na categoria *trabalho desenvolvido*, o valor que uma entrevistada atribuiu ao trabalho com a linguagem na escola, para que se compreenda o efetivo escopo da atuação do fonoaudiólogo, esteve de acordo com o que dizem Roncato e Lacerda (2006) quando se referem às possibilidades das relações dialógicas como instrumento de acesso à função pedagógica, com vistas a superar a valorização estrita de ações de caráter assistencial à criança por parte do professor. Nessa direção, Neto et al (2006) referiram a arte de contar histórias como possibilidade de atuação fonoaudiológica escolar, para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. A propósito, segundo Bitar e Simões (1999) as creches, muitas vezes, não proporcionam condições adequadas ao desenvolvimento das crianças, no que se refere a criar um ambiente mais saudável e propício ao desenvolvimento dos aspectos comunicativos.

Na categoria *relação com o fonoaudiólogo e/ou com a fonoaudiologia*, nossos entrevistados mencionaram que a escola desconhece o papel do fonoaudiólogo educacional. Isso faz sentido com o que diz Penteado (2000) quando aponta que ainda é um fato novo, tanto para fonoaudiólogos, quanto para outros profissionais da saúde, a incorporação, no âmbito escolar, da promoção da saúde como discurso e proposta efetiva. Também Giroto (2001) afirma que a atuação do fonoaudiólogo em escolas depende de uma melhor compreensão da equipe escolar, especialmente do professor, para que todos possam atuar em prol da promoção da saúde e da aprendizagem dos educandos. Ferreira e Chieppe (2005), ainda, referiram que embora as ações edu-

cativas já façam parte da prática fonoaudiológica há algum tempo, precisam ser repensadas como um processo de educação em saúde, no sentido de entender que seus objetivos devem coincidir com a necessidade de transformação de ações e que seus métodos devem se relacionar à aprendizagem.

Na mesma categoria, o discurso dos entrevistados sobre a relação de apoio eminentemente clínico entre o fonoaudiólogo e a escola, está de acordo com a literatura. Segundo Giroto (2001), um estudo sobre as expectativas de professores em relação à atuação do fonoaudiólogo em instituições de ensino, permitiu a observar que os professores apresentaram dificuldades em conceituar a Fonoaudiologia e demonstram uma visão fragmentada sobre ela, baseada no tratamento de patologias da comunicação, especialmente as de fala. Scavazza (1987) comentou que as ações do fonoaudiólogo na escola eram direcionadas à correção de doenças de linguagem nas crianças, sem afetar o trabalho pedagógico realizado. Isso criava a condição para subtrair da instituição educacional qualquer responsabilidade pelo fracasso escolar, sendo este atribuído à doença do sujeito. Também Brites et al (2008), numa pesquisa realizada com agentes comunitários de saúde, constatou que o grupo vê a Fonoaudiologia relacionada a distúrbios de fala, escrita, aprendizagem; à surdez e a acamados.

A categoria em tela mostrou, ainda, que segundo nossos entrevistados, o lugar do fonoaudiólogo é fora da escola. Nessa direção, Giroto (2001) menciona que os professores têm uma visão reducionista sobre a atuação do fonoaudiólogo, por demonstrar não conhecer o enfoque de prevenção ou de promoção da saúde como parte de suas possibilidades de atuação, sendo que, como para nossos entrevistados, têm a expectativa de que o fonoaudiólogo adote condutas de realização de diagnóstico e tratamento das crianças que apresentassem distúrbios. De modo contrário a essa visão, Wippel e Fandanelli (2003) referem haver receptividade em escolas municipais de Curitiba para que o fonoaudiólogo realize na escola um trabalho que relega a perspectiva centrada na patologia e se volta para um trabalho com a normalidade.

Na categoria *condições para inserção*, o discurso dos entrevistados que relaciona a divulgação do trabalho fonoaudiológico educacional com a inserção do fonoaudiólogo nas escolas, concorda com a literatura. Segundo Morais (2005) a classe fonoaudiológica tem ainda um longo caminho a

trilhar para dar visibilidade a sua competência, em especial nas escolas, a partir da divulgação científica do trabalho fonoaudiológico.

O discurso dos entrevistados que relacionou a inserção do fonoaudiólogo nas escolas à necessidade de superar a visão de que ele atua exclusivamente como clínico, também foi abordada na literatura. Num trabalho relativo ao estado de Pernambuco, Didier (2005) menciona que durante muito tempo a prática fonoaudiológica esteve voltada a procedimentos terapêuticos e que este fato favoreceu a concentração dos profissionais em consultórios, hospitais e/ou clínicas. Os discursos que relacionaram a inserção do fonoaudiólogo à atualização de conhecimentos e interesse em apropriar-se do saber acumulado na área de educação, também concordam com a literatura. De acordo com Grangeiro-Santos (2006) há necessidade dos fonoaudiólogos estarem preparados para uma realidade educacional mutante e reflexiva. Salienta ainda que o profissional precisa compreender que não é possível entrar no universo educacional sem conhecimentos profundos que permitam executar bons trabalhos.

Ainda na referida categoria os entrevistados abordaram a triagem fonoaudiológica. A esse respeito Calheta (2005) relata que a triagem fonoaudiológica escolar foi utilizada largamente no século passado, mas vem sendo, paulatinamente, repensada como procedimento fonoaudiológico educacional, pois, embora seja um procedimento permitido por lei, sua realização implica em uma ação clínica inoportuna dentro da escola. Barcelos e Freire (2005) também fizeram críticas à triagem pelo destaque que dá à patologia e pela grande demanda de encaminhamentos à clínica que gera. Já Marin et al (2003) mencionaram que a triagem revelou-se como um meio relevante para identificar distúrbios da comunicação de modo prematuro, o que é de interesse da clínica. Disseram ainda que a triagem, assim como outras ações em escolas, foi valorizada por ser um meio de acolher a demanda de alterações fonoaudiológicas e de desenvolver conhecimentos sobre saúde, principalmente no que diz respeito à saúde fonoaudiológica. Kuster et al (2001) referem haver sinais de mudanças na fonoaudiologia, pois ações como triagens, orientações e encaminhamentos começam a ser rejeitadas por fonoaudiólogos.

Conclusões

O conteúdo do discurso dos entrevistados foi analisado com o objetivo de investigar razões que sustentam o exercício das práticas fonoaudiológicas educacionais no âmbito escolar regular, no município de Salvador. Este estudo exploratório não permitiu generalizações, mas inicia a discussão de aspectos relevantes para a área.

Um desses aspectos refere-se à possível necessidade de redimensionar o papel do fonoaudiólogo nas escolas de Salvador, tanto para os gestores quanto para os próprios fonoaudiólogos, visto que, como mostraram nossos entrevistados, as escolas esperavam uma atuação clínica reabilitadora dos fonoaudiólogos e estes aceitaram entrar na escola por esse caminho, por encontrar nessa via, acolhimento.

Isso faz sentido quando se observa que as alterações de fala foram o aspecto mais referido pelos entrevistados para explicitar as relações entre fonoaudiólogo e escola, revelando um trabalho fonoaudiológico mais compatível com o desenvolvido nas escolas nas décadas de 1980 e, por vezes, 1970, quando o foco era a doença e não a saúde. O tipo de ações desenvolvidas pelos entrevistados caracterizou-se principalmente pela consultoria fonoaudiológica. O contexto desenhado por nossos entrevistados mostrou grande distanciamento entre ações fonoaudiológicas na escola e ideais atuais de promoção de saúde e qualidade de vida.

A indicação da possível necessidade de o fonoaudiólogo em Salvador redimensionar seu papel perante a realidade educacional, a fim de construir ali um novo tipo de inserção, aponta, por sua vez, para a necessidade de promover momentos de reflexão junto às Instituições de Ensino Superior (IES) e a seus docentes, que se materializem em atividades formadoras produtivas para tal, tais como: estimular cursos de aprimoramento e/ou especialização específicos no campo da Fonoaudiologia Educacional, tendo como público alvo fonoaudiólogos e educadores; promover campos de estágios a partir da aproximação entre as IES e as secretarias de Educação.

Indo adiante com essa reflexão, pode-se pensar que atuar no campo da formação do fonoaudiólogo para que ele se constitua como um profissional com plena compreensão e domínio das possibilidades de seu campo de saber e ação junto à educação, poderá contribuir para criar um novo tipo de visibilidade para este profissional. Nessas condições, também

uma nova demanda poderá surgir, em função da relevância que o objeto de estudo da Fonoaudiologia, a linguagem e a comunicação, têm para os desafios que o homem enfrenta no mundo atual.

Ainda sobre a efetiva inserção do fonoaudiólogo como membro integrante do espaço escolar, vale mencionar que a literatura a respeito da Fonoaudiologia Educacional no Brasil aponta a necessidade de se partir para ações mais assertivas em termos de políticas públicas, na área da educação, visando dar à Fonoaudiologia o lugar de onde ela possa contribuir para uma melhor qualidade de vida, de ensino/aprendizagem e de saúde da comunidade escolar. Ações junto ao Conselho Federal de Fonoaudiologia e ao Ministério de Educação podem ser passos importantes, no sentido de abrir oficialmente as portas da escola, para que o fonoaudiólogo possa assumir os papéis de autor e ator junto à Educação, levando a estas contribuições nas áreas de sua competência: voz, audição e linguagem. Contribuições implicadas com a consciência das dimensões, do compromisso e da participação sócio-política que cabem ao fonoaudiólogo, no exercício de sua cidadania.

Referências bibliográficas

- Barcellos CAP, Freire RM. Assessoria fonoaudiológica na escola: sob o efeito da escrita e sua aquisição. *Disturb Comun* 2005;17(3):373-83.
- Barcellos CAP, Goulart, JDS. Assessoria escolar em fonoaudiologia: o que pensam os educadores a respeito da atuação do fonoaudiólogo na escola?. *Janus* 2005;2(2):52-65.
- Bitar ML, Simões M. Promoção de saúde em creches. *Fono Atual* 1999;3(9):10-3.
- Brites LS, Souza APR, Lessa AH. Fonoaudiólogo e agente comunitário de saúde: uma experiência educativa. *Rev Soc Bras Fonoaudiol* 2008;13(3):258-66.
- Calheta PP. Fonoaudiologia e educação: sentidos do trabalho de assessoria a escolas públicas. In: César CHAR, Calheta PP. *Assessoria e fonoaudiologia: perspectivas de ação*. São Paulo: Revinter; 2005. p.103-15.
- Coimbra LMV, Luque MCMF, Machado SAF. Fonoaudiologia escolar: um campo de trabalho em desenvolvimento. In: Ferreira LP. *O fonoaudiólogo e a escola*. São Paulo: Summus; 1991. p.61-5.
- Didier C. O que o fonoaudiólogo faz na escola? *Rev Construir Notícias* 2005;25(5):43-7.
- Ferreira LP, Chieppe D. Quando as práticas fonoaudiológicas são educativas. *Disturb Comun* 2005;17(1):123-6.
- Giroto CRM. *Perspectivas atuais da fonoaudiologia na escola*. 2.ed. São Paulo: Plexus; 2001. O professor na atuação fonoaudiológica em escola: participante ou mero espectador?; p.25-42.

Grangeiro-Santos EMN. Fonoaudiologia educacional: a educação que gera saúde. In: Damasceno A, Machado H, Souza O, organizadores. Fonoaudiologia escolar – fonoaudiologia e pedagogia: saberes necessários para ação docente. Belém: EDUFPA; 2006. p. 97-111.

Kuster AMB, Hungaro RO, Casteleins VL. A fonoaudiologia educacional e a escola: muito a fazer, muito a pensar, muito a estudar. J Bras Fonoaudiol 2001;3(9):333-8.

Marin CR, Chun RYS, Silva RC, Fedosse E, et al. Promoção da saúde em fonoaudiologia: ações coletivas em equipamentos de saúde e educação. Rev Soc Bras Fonoaudiol 2003;8(1):35-41.

Morais KW. Repensar sobre o papel do fonoaudiólogo no âmbito escolar. Pedago Brasil [artigo na internet]. 2005 [acesso em 13 set 2005];[6f]. Disponível em: <http://www.pedagobrasil.com.br/fonoaudiologia/repensarsobreopapel.htm>

Neto LEF, Silva KNB, Arruda IF. Fonoaudiologia, contação de histórias e educação: um novo campo de atuação profissional. Disturb Comun 2006;18(2):209-21.

Penteado RZ. A linguagem no grupo fonoaudiológico: potencial latente para a promoção da saúde? [dissertação de mestrado]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2000.

Penteado RZ. Escolas promotoras de saúde: implicações para a ação fonoaudiológica. Fonoaudiol Brasil 2002;2:28-37.

Penteado, RZ. Relações entre saúde e trabalho docente: percepções de professores sobre saúde vocal. Rev Soc Bras Fonoaudiol 2007;12(1):18-22.

Penteado RZ, Servilha EAM. Fonoaudiologia em saúde pública/coletiva: compreendendo prevenção e o paradigma da promoção da saúde. Disturb Comun 2004;16(1):107-16.

Ramos AS, Alves LM. A fonoaudiologia na relação entre escolas regulares de ensino fundamental e escolas de educação especial no processo de inclusão. Rev Bras Educ Esp 2008;14(2):235-50.

Roncato CC, Lacerda CBF. Possibilidades de desenvolvimento de linguagem no espaço da educação infantil. Disturb Comun 2006;17(2):215-23.

Scavazza BL. Sobre a ameaça de falar [tese de doutorado]. São Paulo: Pontificia Universidade Católica de São Paulo; 1987.

Silva TOF, Calheta PP. Reflexões sobre assessoria fonoaudiológica na escola. Disturb Comun 2005;17(2):225-32.

Siqueira CLO, Monteiro MIB. Das escolas para as clínicas de fonoaudiologia: uma análise das condições e das concepções de professores em exercício. Comunicações 2005a;12(2):68-79.

Siqueira CLO, Monteiro MIB. O que professores dizem sobre o encaminhamento de alunos para o fonoaudiólogo. Temas Desenvol 2005b;14(79):37-45.

Souza MA. A atuação preventiva da equipe multidisciplinar na instituição escolar. J Bras Fonoaudiol 2002;3(10):20-4.

Wippel MLM, Fandanelli APR. A prática da fonoaudiologia na visão dos fonoaudiólogos e professores atuantes na rede municipal de ensino de Curitiba. J Bras Fonoaudiol 2003;4(14):21-31.

Recebido em fevereiro/09; aprovado em abril/09.

Endereço para correspondência

Ingrid B. A. Fonteles

Rua. Dr. Augusto Lopes Pontes N° 455 – D AP. 1202

Costa Azul – Salvador – BA

CEP: 40760-035

E-mail: ingridfonteles@yahoo.com.br